**As Relações entre São Paulo – EUA: Balanço de um Século ou as relações nem sempre explicitas entre as Culturas Urbanísticas do Século Americano no Processo de Produção do Espaço Construído em São Paulo**

**Luiz Augusto Maia Costa**

Professor Doutor, PUC-Campinas, Brasil

luiz.augusto@puc-campinas.edu.br

**Adriana Teixeira Bahia**

Doutoranda, PUC-Campinas, Brasil

abahia.arquitetura@gmail.com

**RESUMO**

O presente artigo propõe lançar um olhar sobre: o processo de urbanização, a cultura urbanística e sobre o próprio processo social de construção do espaço que teve lugar ao longo do século XX, inserindo-o no contexto mais amplo da cultura Ocidental de longa duração. Nesse sentido, olharemos para a periodização do século XX em seu contexto mais amplo, observando como este foi o século americano, onde acreditamos se deu uma transição do olhar da cultura ocidental, saindo da Europa e se voltando para o Estados Unidos da América. Olharemos, então, para quais seriam os reflexos desse debate transacional no que diz respeito ao planejamento urbano territorial brasileiro, em especial do estado de São Paulo. E, como essa mudança se refletiu nas práticas urbanas e do planejamento, assim como os reflexos mais amplos nas dinâmicas globais e locais. O objetivo é compreender como se deu o processo e a evolução do planejamento urbano em São Paulo, ao longo do século XX e através desse diálogo entre as américas. Assim, o objeto é o estado de São Paulo. O planejamento urbano – territorial é o foco. Aproximar a cultura urbanística paulista da cultura urbanística norte-americana e da própria cultura urbanística do continente americano é o intuito. Por fim, a cidade é a principal protagonista dessa história.

**PALAVRAS-CHAVE:** São Paulo; E.U.A.; Planejamento Urbano-Territorial.

**INTRODUÇÃO**

Caminhando para a terceira década do Século XXI, olhar para o Século anterior, acreditamos, pode contribuir para a reflexão sobre “como chegamos aqui?” e, ao mesmo tempo, sobre “o que faremos agora?”.

O problema inicial é periodizar o Século XX. Este foi, por assim dizer, três séculos em um. Se pensarmos em ordem cronológica seria de 1901 a 2000; porém se usarmos a definição de Eric Hobsbawm, por exemplo, ele se dividiria em três partes:

1. De 1901 a 1914. Seria ainda o Século XIX;

2. O Século XX: 1914 a 1991;

3. A partir de 1991 já era Século XXI.

 Acreditamos que aqui há uma questão metodológica, instigante, necessária para a própria compreensão do que foi o Século XX, visto que, acreditamos não haver dúvidas de que estamos no Século XXI. Por ora, o tomemos como de 1901 a 2000, sabendo haver um debate sobre a questão em aberto.

O Século XX foi o Século Americano. É indubitável que – em termos econômicos, políticos, culturais e tecnológicos – os anos de 1901 a 2000, para a Cultura/Civilização Ocidental, foram comandados pelo país cujo nome é Estados Unidos da América (a bibliografia aqui é abundante). Para uns os “americanos”, para outros os “norte-americanos”, para outros ainda os “estadunidenses”. Há quem o chame de “América”. Outro debate em aberto.

Seja como for que se chame esse País, ele foi, parece-nos, no final das contas, o fiel da balança de um Século cuja marca histórica da resultante, para o próprio ocidente, do conflito das duas forças (uma que apostava no “Coletivo” e outra que apostava no “Individual”) que buscavam apontar o caminho para gestar a riqueza (material e imaterial) que, conjuntamente, fora produzida pela Civilização Ocidental, foi desastrosa, sobre muitos aspectos. A prova disso é que os dados levantados e analisados até aqui, apontam que o legado do Século XX, para a História da Civilização Ocidental, foi, por um lado, de grande avanço em todos os aspectos, mas que, porém, isso não levou a uma socialização equilibrada do mesmo; por outro lado, os ônus, perdas e prejuízos de todo tipo de sorte, foi socializado de forma desequilibrada. Já ficou claro que o controle sobre a riqueza produzida no ocidente ficou restrita a um número cada vez menor de pessoas. Aqui também há uma vasta bibliografia, ainda que dispersa.

O Século XX presenciou uma explosão demográfica planetária: foi o Século do Urbano. Não tanto porque as massas populacionais, no período, viviam em sua ampla maioria em cidades (conturbadas ou não), mas porque o modo de vida, a cultura, a sensibilidade dominante no Ocidente foi a urbana. Se tomarmos o epicentro da Civilização Ocidental como a Europa, haveremos de concordar que desde seus primórdios, Roma até o Século XVII, grosso modo, foi o “Centro do Mundo”; cedeu o lugar para Paris ao longo do Século XVIII, sendo esta sucedida por Londres, metrópole do maior Império do Século XIX. O Século XX fez o Ocidente atravessar o Atlântico. Nova York é também conhecida como “a esquina do mundo”. Entretanto, cidades como Chicago e Los Angeles, talvez sejam mais representantes do amplo processo de urbanização engendrado pelos Estados Unidos da América, dentro e fora desse país.

De forma periférica ou não, o Brasil faz parte da Civilização Ocidental. Desde 1500, quando teve início a amálgama resultante da coexistência (imposta pelo colonizador europeu) de três civilizações em um espaço geográfico entranhado no sul do Continente Americano, a qual chamamos de Brasil, a Civilização aqui gerada se quer Ocidental. Desde sua fundação, em 1549 até o Século XVIII, Salvador foi a expressão mais bem acabada do processo de urbanização (em seu sentido mais amplo) engendrado então por essa amálgama. Esse “Eixo” passou, inegavelmente, para o Rio de Janeiro no Século XIX – de Capital da Coroa, passou para Capital do Império e, depois, da República, só perdendo esse posto no Século XX. Sobre muitos aspectos, o Século XX, para o Rio de Janeiro, representou sua progressiva perda da hegemonia nacional. Aqui também, os dados levantados e analisados até então são abundantes, ainda que dispersos.

Assim, temos como hipótese que, na linha argumentativa até aqui articulada, São Paulo seria, no Brasil, a expressão mais bem acabada do processo de urbanização (em seu sentido mais amplo) engendrado pelo Ocidente a partir da Segunda Revolução Industrial, cujo palco foi, em sua maior extensão, o Século XX (nesse sentido “O Longo Século XX” como defende Giovanni Arrighi). Se a considerarmos, essa hipótese precisa ser investigada, debatida, contraposta para que sua pertinência seja verificada ou não. Intentamos, com esse artigo, contribuir para que esse debate seja considerado.

Em 2007, no âmbito do Grupo de Pesquisa História Social do Trabalho e da Tecnologia como Fundamentos Sociais da Arquitetura e do Urbanismo (HSTTFAU / FAUUSP), coordenado pela Professora Doutora Maria Lucia Caira Gitay, foi organizado o Seminário: *Construindo a cidade do Século XX: uma cidade americana?* O objetivo era problematizar a produção social do espaço construído em São Paulo ao longo dos anos de 1901 a 2000 aproximando-a da cultura de planejamento urbano – territorial engendrada a partir do E.U.A. Doze anos depois, o presente artigo busca retomar essa discussão levantada por aquele Seminário.

**OBJETIVOS**

Desse modo, articular o Século XX - como o Século Americano - com o processo de produção social do espaço ideado, concebido, construído (material e imaterialmente) em São Paulo vem ser a questão central da discussão aqui proposta. Compreendendo a cidade como uma das expressões de um amplo processo (econômico, político e cultural, viabilizado por um sistema técnico – científico que se especializa em um dado território) o qual chamamos de “Processo de urbanização”, buscamos entendê-la como a própria manifestação da civilização (ocidental ou não). A cidade como uma parte desse processo de divisão social do território, sendo a outra parte o campo, ao longo do Século Urbano, tornou-se assim o objeto preferencial para apreender o próprio processo civilizatório empreendido pelo Ocidente no período em estudo.

O objetivo, portanto, é compreender tal processo de produção do espaço ao longo do Século XX no estado de São Paulo, e nesse contexto, acreditamos, não pode ser deixado de lado a influência dos norte-americanos na cultura ocidental, olhamos então primeiramente para este processo, e a seu reflexo na disciplina urbana. Para então compreender de que contexto se originam as práticas que foram engendradas no estado.

**MÉTODO DE ANÁLISE**

Há já um conjunto significativo de estudos que tem como objeto central da reflexão a relação inegável que, desde sempre existiu, entre as resultantes das experiências antropológicas que tem se dado em um continente chamado de América.

Ao norte, a coexistência imposta às culturas locais e às oriundas do continente Africano pelo conjunto de culturas egressas do continente Europeu, teve como um dos resultados o que hoje chamamos de E.U.A. Ao sul, resultou, entre outros, no que entendemos por Brasil[[1]](#footnote-1).

É a relação intrincada, imbricada e amalgamada ao longo dos séculos que, no contexto do “Sistema Mundo Ocidental Contemporâneo”, nos parece fundamental problematizar para compreender como, na atualidade, a América Latina, mais uma vez, capotou.

Se o problema do ponto de vista do ESPAÇO está colocado: refiro-me à América, onde se territorializam as múltiplas relações existentes entre as culturas egressas dos E.U.A e do Brasil, mais precisamente, às relações que tem como palco o Estado de São Paulo. Do ponto de vista do TEMPO, é necessário que, para essa comunicação funcionar, se periodize um intervalo de tempo no qual o fenômeno cultural supracitado se faz perceber. Aqui empregaremos o termo “Século Americano” para nos referirmos a um período que vai de 1875 a 1991. Algo entre o início do que ficou conhecido como II Revolução Industrial e o advento da internet.

Das múltiplas relações existentes, possíveis e passíveis de serem feitas, são aquelas que se dão no complexo processo da produção social dos territórios (materiais e imateriais) que nos interessam. O Século Americano, foi também o Século urbano. A cidade tornou-se o lócus preferencial das trocas econômicas, políticas, afetivas e culturais em diferentes graus e intensidade. No Século Americano, a cidade era a máquina de morar, viver e existir preferencial. A cidade, que depois de 1850, deixou definitivamente de ter fim, foi corroendo o campo em um processo desenfreado de cientifização, mecanização e padronização do mundo rural o qual fora gestado no mundo urbano. Isto é, o processo de urbanização industrializou o que era, dos territórios locais, o campo, que progressivamente vai ver a natureza sucumbir ao ímpeto do homem liberal, do homem burguês, do homem racional descendente do contexto do Sistema Mundo Ocidental pós Século XVIII.

A cidade, desde sempre foi crise, foi conflito e disputa de territórios corpóreos ou não. Mas foi também o lugar do cotidiano citadino, colaborativo e criativo; do cidadão ético. Sabido é que são filhas da cidade a Poesia, a Filosofia e a Política. Andam, portanto juntas, cultura e cidade; cidade e sociedade; cidade e civilização. Se a longuíssima Revolução Agrícola, a longo prazo, nos deu a cidade; a Revolução Científica Cultural do Século XVII, a longo prazo mudou o papel desempenhado por ela no Sistema Mundo Ocidental. É no Século seguinte que a cidade passa de lócus das trocas dos excedentes produzidos no campo a lócus de produção do próprio excedente. O Século XVIII transforma a cidade em mercadoria; a partir de então, se ela é arte, o é assim na medida em que seu solo assim se consubstancia em capital.

Karl Marx, na última frase do Manifesto do Partido Comunista, chama a atenção que para desmontar as consequências da hegemonia burguesa na organização da civilização ocidental, todo o mundo derivado das profundas transformações das três Revoluções do setecentos deveria unir-se para fazer oposição ao Sistema Capitalista daí proveniente. Isto é, os fenômenos que observamos no âmbito do local só podem ser entendidos e modificados no âmbito do global.

Sublinhamos isto para dizer que se a cidade se converge no palco da uniformização do território, é ela também que resiste a essa, e ressignifica esses mesmos territórios em um processo de humanização e reumanização ininterrupto destes: o espaço usado, vivido e vivenciado.

Entendemos que, a cidade é uma das manifestações materiais mais explícitas do processo de urbanização, sendo o urbano a contrapartida imaterial desse mesmo processo. Urbanização compreendida como a explicitação do processo de divisão dos territórios em dois binômios: campo/ cidade; rural/urbano. Sendo assim, a urbanização antes de qualquer coisa mimetiza no território a manifestação da cosmovisão de um povo, em um determinado tempo e espaço que está em constante transformação.

Essa cosmovisão chamamos de cultura; e cultura é inerente a todo pensamento - ação do homem. Por vezes esquecemos o óbvio: a cidade é um artefato humano, feito por animais humanos, para animais humanos. Logo ela, necessariamente, precisa ser abordada a partir da perspectiva dos homens. Esses desenvolvem progressivamente meios – técnicas – tecnologias que os possibilitem exercer domínio sobre o espaço ainda não humanizado, conformando então territórios urbanizados.

A Cultura/Civilização engendrada e conformada pelos homens, que fazendo uso de técnicas, ao contrapor urbano e rural; cidade e campo expressão territorialmente um processo que se insere no âmbito das chamadas ciências sociais, e que, portanto, não pode prescindir da dimensão política, econômica e social, na análise dos fenômenos de urbanização. Ela parece-nos a chave para compreender as relações entre São Paulo e E.U.A. ao longo do “Século Americano”.

Portanto, o que pretendemos discutir são as relações entre a cultura urbanística paulista e aquela provinda dos E.U.A. com o intuito de perceber como partindo de contextos socioespaciais semelhantes, mas distintos deu-se a produção social de espaços construídos idiossincráticos que estavam sujeitos às mesmas tensões do Sistema Mundo Ocidental do Século XX.

A cidade industrial do Laissez-faire liberal do Século XVIII, impactou a produção social dos territórios do Sistema Mundo ocidental de então, mesmo em localidades em que as indústrias estavam pouco ou não estavam ainda presentes. Exemplo disso é a São Paulo do início do Século Americano, que passou a produzir café em escala industrial para alimentar regiões que se industrializavam de forma galopante. Todo o café produzido nesse período era vendido no mercado de massa internacional.

Mesmo que não fosse a indústria a dominar a paisagem das cidades, era a indústria do espaço construído e a indústria do urbano que subsidiavam os ares modernos emanados da cultura burguesa – industrial, que infraestruturavam os territórios desenhando e redesenhando as conectividades que configuravam as redes de cidades de então.

 Se aceitarmos que as indústrias são a aplicação, por um lado, da filosofia da natureza, isto é, da física; e por outro, está associada ao controle de corpos e mentes mediante uso de técnicas de gestão, organização e normatização das atividades humana, haveremos de perceber que toda a cultura urbanística de então de alguma forma está atrelada a ela.

Essas indústrias criaram riquezas, belezas e pobrezas variadas. A mesma indústria que subjugou a natureza reconfigurando o espaço geográfico, biológico e psicológico; que saneou rios, pântanos, cortiços, corpos, mentes e, sobretudo, cidades; que encurtou distâncias físicas e intelectuais, foi também aquela que destruiu e reconstruiu a fauna, a flora e, em certa medida, a alma dos homens; produziu abismos socioeconômicos – psicológicos; concedeu e retirou direitos; criou novas formas de ver e viver na cidade. O urbano é o modo de vida de então. Se para as classes hegemônicas foi uma bela época, certamente, os de baixo não tinham a mesma opinião.

Entre o sublime e o horror da indústria humana de então, a leitura que os letrados da época tinham da cidade era que ela estava doente; para eles era manifesto que era preciso curar as mazelas da cidade mediante um amplo processo de controle da natureza e do corpo social como um todo.

**RESULTADOS**

Nesse contexto de busca pela cura da cidade e do seu consequente controle social e no âmbito do Sistema Mundo Ocidental, surgem dois campos disciplinares, que se queriam ciência – como era a tônica do período – e os quais visavam dar respostas a esses problemas postos para e pela indústria e que na cidade se evidenciavam.

Esses dois campos disciplinares se constituíram através de um debate transnacional que, no entanto, ao serem traduzidos para contextos locais, adquiriram contornos próprios e irreprodutíveis. Dura ironia: crias da indústria, essas ciências farão as mais duras críticas às manifestações dela nas cidades, e, por fim, vão se opor propriamente a ela. Essas duas são por vezes tratadas como sendo nomes diferentes para coisas “iguais”. Não acreditamos que seja assim. E ao entendermos o Urbanismo e o Planejamento Territorial-Urbano como disciplinas distintas, construímos (quadro 1) uma tabela comparativa entre esses dois campos e da forma como olham e atuam na cidade. Note-se abaixo:

**Quadro 1: Diferenças entre Urbanismo versus planejamento territorial - urbano**

**(em sua acepção inicial)**

|  |  |
| --- | --- |
| **Urbanismo** | **Planejamento Territorial-Urbano** |
| Vê a cidade como obra de arte | Vê a cidade como mercadoria |
| Em sua visão original e dominante se quer ciência e arte. Ambas em estreita relação com as ciências sociais | Instrumento político que visa equacionar as tensões econômicas e sociais operando e intervindo no processo de produção do espaço construído |
| Atividade de um especialista: o urbanista | Atividade de vários especialistas (atividade multidisciplinar) |
| Ideologicamente despolitizado, ainda que contenha uma crítica utópica às cidades existentes | Assume sua ação como política |
| Negação do mesmo como um ato de poder | Aceitação do mesmo como um ato de poder |
| Pensa a partir de modelos | Pensa a partir de processos |
| A cidade é vista como uma unidade fechada | A cidade é vista como uma unidade aberta |
| Parte do particular para buscar a universalidade | Parte do universal para buscar a particularidade de cada cidade |
| Não trabalha com uma visão global da sociedade | Trabalha com uma visão global da sociedade |
| Marcadamente utópico | Marcadamente prático |
| Teórico ainda que, explicitamente, vise à prática | Prático ainda que fortemente alicerçado pela teoria |
| Gerou Tratados Urbanísticos | Gerou livros e relatórios temáticos |
| Marcadamente europeu | Marcadamente Anglo-saxônico |

Fonte: Costa, 2013.

São Paulo produziu seu território tensionado entre essas duas disciplinas. O discurso que a elite ilustrada de então fazia estava em acordocom a cultura urbanista engendrada no interstício do continente europeu, o que a Professora Donatela Calabri chamou de “Urbanismo Europeu”. Porém, o que parte dos estudos dos últimos vinte anos tem mostrado é que as práticas aqui empregadas, em muito, se aproximavam das técnicas, métodos e procedimentos associados à Cultura Urbanística provenientes dos Estados Unidos da América e que a qual estava em consonância com o que aqui estamos chamando de “Planejamento Territorial – Urbano”.

**CONCLUSÃO**

Dentro do que anteriormente foi articulado, nos parece mais lógico a aproximação dos problemas a serem resolvidos pela sociedade paulista de então dos problemas a serem resolvidos pelos E.U.A do que dos problemas postos para as sociedades europeias. De qualquer forma, os resultados obtidos aqui se distanciam tanto de um como do outro. E, no entanto, era um pouco de um e do outro. Daí falarmos de um *modus* *operandi* próprio Paulista de engendrar o processo social da produção do espaço construído, da Cidade e do urbano. Esse *modus* *operandi* chamamos de Planejamento Privatista cuja reprodução do capital se dá a partir da produção capitalista dos Territórios.

As relações entre as culturas urbanísticas em tela têm deixado rastros de sua existência. A intrigante geração paulista de 1870, do ponto de vista do processo de produção social do território, engendrou a organização de um primeiro marco dessa dinâmica quando funda a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo (CGGSP), compreendida como um marco do novo planejamento Territorial – Urbano do Estado de São Paulo. O modelo da mesma, assim como seu primeiro Diretor são explicitamente oriundos dos E.U.A. Daí em diante, uma série de instituições ligadas a produção do Território, da cidade e do urbano podem ser elencadas como de uma forma ou outra atrelada à cultura vinda daquele país: a Escola de Engenharia do Mackenzie; a Escola Politécnica; o Instituto de Higiene; e o Departamento de Urbanismo de São Paulo são exemplos disso. Atores sociais como Theodoro Sampaio, Antonio Francisco de Paula Souza, Victor da Silva Freire, Alexandre de Albuquerque, Prestes Maia, Anhaia Mello e entre tantos outros, mencionam explicitamente suas interações com aquela cultura. Do outro lado, a Instituição Rockefeller, o Rotary Club, a Companhia Light, a Companhia City, Robert Moses, Derby, SUNY, a Universidade de Cornell da Pensilvânia, são alguns dos atores sociais e instituições que aqui se fizeram presente ao longo do Século Americano.

Hoje, quando a Política Externa dos E.U.A. estende mais uma vez seus tentáculos sob a América Latina, buscando consolidar o Século XXI como também um Século Americano, a consciência dos meios que isso se deu no Século anterior é fundamental para fazer frente a um processo que tem intensificado a Crise Urbana, cá ao Sul do Continente Americano.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ATIQUE, Fernando. *Arquitetando* **A Boa Vizinhança - Arquitetura, Cidade E Cultura Nas Relações Brasil** – Estados Unidos (1876 – 1945). Campinas, Pontes, 2010.

ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX – Dinheiro, poder e as origens de nosso tempo**. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil.** (Dois Séculos de História). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A. , 1978.

BERNANDINI, Sidnei P. Um Engenheiro Norte - Americano em Santos. Os Planos de Estevan A. Fuertes e de Saturnino de Brito no Ideário Urbanístico do Final do Século XIX. In: CD - ROM dos **Anais do VI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Natal: UFRN, 2000.

BERNARDINI, Luis Felipe Jorge. Cultura e cidade na trajetória do engenheiro Adolfo Augusto Pinto, 1879 – 1930. Fontes para uma história social da introdução do concreto em São Paulo. **Relatório FAPESP**. Orientadora Maria Lucia Caira Gitahy. Março de 2004. São Paulo: Fau USP, 2004. (mimeo.).

CALABI, Donatella. **História do urbanismo europeu**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

CAMPOS, Cristina. **São Paulo pela lente da higiene**: As propostas de Geraldo Horácio de Paula Souza para a cidade (1925 – 1945). São Carlos: RiMa, 2002.

COSTA, Luiz Augusto Maia Costa. **O Ideário Urbano Paulista na Virada do Século**: O Engenheiro Theodoro Sampaio e as Questões Territoriais e Urbanas Modernas em São Paulo (1886-1903). São Paulo: RiMa, 2003.

COSTA, Luiz Augusto Maia Costa, **O todo da parte**. Urbanismo, planejamento e o processo social de construção da cidade no início do século XX. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, 2013.

COSTA, Luiz Augusto Maia Costa. **Nem Tudo era Europeu**: a Presença Norte-americana no Debate de Formação do Urbanismo Paulista (1886-1919). São Paulo, UFABC, 2015.

DIVINE, Robert A; BREEN, T. H.; FREDRICKSON, George M; WILIAMS, R. Hal; ROBERTS, Randy. **América – Passado e Presente**. Rio de Janeiro: Editora Nórdica, 1992.

FAUSTO, Boris (Org.). **Fazer a América**. São Paulo: Editora da USP, 1999.

FELDMAN, Sarah. Os anos 30 e a Difusão do Urbanismo Americano no Brasil. In: **Anais do 6º Seminário de história da Cidade e do urbanismo**. Natal: UFRN, 2000.

GOMES, Antonio Maspoli de Araújo. **Espírito Protestante, educação, e Negócios: a contribuição do Mackenzie College para a formação do empresariado em São Paulo entre 1870 a 1914**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo/ Faculdade de Filosofia e ciências da Religião, 1999. (Tese de Doutorado).

Hobsbawm, Eric. **Era dos extremos**. O Breve Século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JUNQUEIRA, Mary A. **Estados Unidos**: A Consolidação da Nação. São Paulo: Contexto, 2001.

KARNAL, Leandro. **Estados Unidos**: A formação da Nação. São Paulo: Contexto, 2001.

LAGONEGRO, Marco Aurélio. **Metrópole sem metrô. Transporte público, rodoviarismo e populismo em São Paulo (1955 – 1965)**. São Paulo: FAUUSP, 2003. (Tese de Doutorado)

MACKENZIE. **Mackenzie – 126 anos de ensino**: valores acima do tempo. São Paulo: Prêmio, 1997.

MARINHO, Maria Gabriela S. M. C. **Norte-Americanos no Brasil**. Uma história da Fundação Rockefeller na Universidade de São Paulo (1934-1952). Campinas/ São Paulo: Autores Associados/ Universidade São Francisco, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

1. Não estamos negligenciando a Culturas Nipônicas e as culturas vindo do Continente asiático, porém, grosso modo, a contundência destas culturas cá, ao sul dos trópicos, só se faz evidente a partir da segunda metade do Século XX; se considerarmos o início dessa experiência no distante Século XVI, podemos dizer é razoável dizer que pouco ou quase nada, antes de 1950 se fez notar. [↑](#footnote-ref-1)